

Índice

A classe média em declínio	1
Para onde foram os empregos da classe média	3

A classe média em declínio

Um relatório recente da OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico) sobre o declínio da classe média nos países da organização soou como um toque de alarme. Com dados estatísticos, defende que é cada vez mais difícil fazer parte dessa classe média, e que esta categoria social tem vindo a diminuir no conjunto da população e a retroceder em relação à classe alta. Mas também se deve ter em conta que a classe média de hoje tem acesso a bens e serviços que não estavam ao alcance da de outros tempos.

A presença de uma classe média ampla e próspera sempre foi considerado um sinal de desenvolvimento de um país. Do ponto de vista individual, passar a integrar a classe média significava alcançar um estilo de vida satisfatório, graças a um emprego estável e com perspectivas de encetar uma carreira. Havia que trabalhar no duro, mas a recompensa acontecia. Hoje, o [relatório da OCDE](#) fala da “classe média apertada” (“Under Pressure: The Squeezed Middle Class”, OCDE, 10.4.2019). Mesmo que dois terços da população ainda se autodefinam como de classe média, se se atender aos seus rendimentos, o grupo com rendimento intermédio baixou e o elevador social parece estar parado.

Isto indica um aumento da desigualdade dentro da OCDE, o grupo dos países mais desenvolvidos. Mas não se deve perder de vista que, no plano global, cada vez mais países antes atrasados estão a integrar a classe média mundial, especialmente no continente asiático.

Quem faz parte da classe média?

Para a OCDE, entram neste segmento aqueles cujos rendimentos se situam entre os 75 % e os 200 % do rendimento da mediana nacional, sendo a classe alta constituída pelos que ganham mais de 200 % e a classe baixa os que ganham menos de 75 %.

Mas também existem classes dentro da classe média. Por exemplo, em Espanha, a classe média começaria a partir de rendimentos de 14 575 € anuais e chegaria até aos que estão na classe média alta com um limite de 38 800 €. Fariam parte dela 55 % da população, enquanto que 11,5 % seriam da classe alta e 33,5 % da classe baixa.

Quando falamos de rendimento, trata-se do rendimento disponível, isto é, do rendimento com que as famílias ficam para o seu consumo ou poupança, depois de pagarem impostos e receberem transferências.

Estará a classe média a diminuir?

Em média, nos países da OCDE, as pessoas que pertencem à classe média passaram de 64 % da população em 1985, para 61,5 % em 2015. A mudança não é muito grande, embora seja mais pronunciada nalguns países onde caiu mais de 4,5 pontos, como Alemanha, Estados Unidos, Canadá, Finlândia e

Suécia. Em Espanha, por exemplo, a classe média diminuiu 3,7 % nesse período.

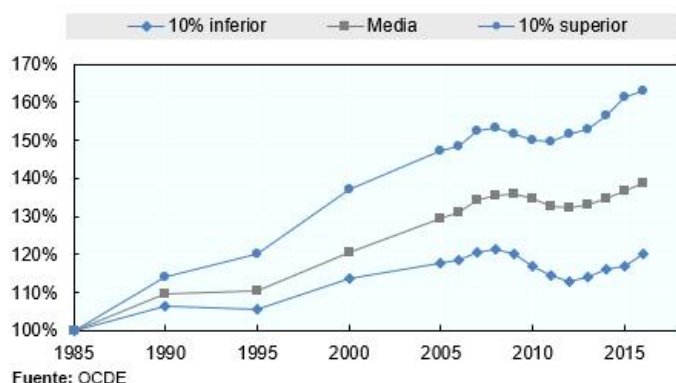
A percentagem de classe média varia entre 50 % da população em países como Estados Unidos, Chile ou México, até quase aos 70 % nos países nórdicos e noutros da Europa continental.

Como evoluíram os rendimentos da classe média?

A classe média viu aumentar os seus rendimentos de uma forma sustentada até meados da primeira década do século XXI. Mas, entre 2007 e 2016, o progresso foi de apenas 0,3 % ao ano. Globalmente, no decorrer dos últimos trinta anos, os rendimentos intermédios cresceram menos de um terço que o rendimento dos 10 % mais ricos. Consequentemente, a influência económica da classe média e o seu papel de centro de gravidade da economia tiveram um enfraquecimento.

Eis alguns dados publicados na “Aceprensa”:

Las rentas medias crecieron menos que las altas (1985-2016)
Crecimiento de la renta disponible en 17 países de la OCDE (1985 = 100%)



O custo de vida da classe média aumentou?

Os gastos de consumo dos lares de classe média aumentaram mais rapidamente que os seus rendimentos. O relatório da OCDE destaca que o elevado preço da habitação, o aumento dos gastos na educação e na saúde não são cobertos por salários que cresceram muito moderadamente nos últimos dez anos. Em especial, há o custo da habitação, que se nos anos 90 constituía um quarto do rendimento disponível, agora abarca cerca de um terço. É verdade que, em muitos países da OCDE, o Estado Providência assegura a gratuidade na educação e na saúde. Mas o prolongamento da educação e o envelhecimento provocam uma subida destes gastos.

O aumento do custo de vida da classe média, diz o relatório, “explica-se talvez também pela adoção de modos de consumo que tendem a ‘imitar’ os da classe alta, o que provocou uma cascata de gastos que não podiam ser assumidos”.

O aumento dos gastos dedicados à habitação e a outros bens e serviços reduz a capacidade de poupança da classe média. Uma em cada cinco famílias vive acima dos seus rendimentos, o que constitui um risco de endividamento excessivo. A classe média endivida-se mais do que a classe baixa e do que a classe alta. Neste ponto, é de perguntar se a classe média de hoje se encontra pior do que a de antigamente, ou se está mais acostumada a endividar-se para manter um estilo de vida superior ao que pode ter acesso.

Como se transformou o emprego da classe média?

As perspetivas profissionais de numerosos trabalhadores de classe média são incertas. A evolução do emprego para trabalhos que exigem uma qualificação elevada aconteceu em detrimento dos trabalhos medianamente qualificados da classe média, que correm o risco de serem automatizados.

Em contrapartida, deve ter-se em conta que há cada vez mais jovens que vão para a universidade e que saem de lá mais qualificados do que os seus pais.

Será mais difícil hoje fazer parte da classe média?

O nível de competências profissionais exigido para obter um rendimento próprio por parte da classe média aumentou. Daí que, seja cada vez menos possível para certos empregos obterem o mesmo nível de rendimentos que antes. Segundo o relatório, “atualmente um lar normal necessita de dois salários para poder integrar a classe média, enquanto no passado bastava um único salário de um emprego altamente qualificado”.

A que se deve o descontentamento da classe média?

Os lares de rendimento intermédio viram os seus rendimentos crescerem menos do que os da classe alta, e nalguns países estagnarem. Também comprovam que o modo de vida da classe média é cada vez mais caro. Simultaneamente, as suas perspetivas profissionais são inseguras, devido ao risco de que a revolução digital venha a destruir os seus empregos.

Existe igualmente o sentimento de que o que recebem do Estado não está de acordo com aquilo que pagam com os seus impostos e descontos sociais. Na realidade, segundo o relatório da OCDE, contribuem com dois terços das receitas fiscais e recebem 60 % da despesa pública em prestações do Estado, ou seja, recebem quase tanto em espécie como o que pagam. Mas a classe média encontra-se mais afetada pela progressividade do imposto sobre o rendimento, enquanto que a classe baixa está muitas vezes isenta e a classe alta tem outras fontes de rendimento e pode beneficiar de nichos fiscais.

Que possibilidade têm as novas gerações de fazer parte da classe média?

Comparativamente às gerações atuais, a do *baby boom* (que nasceu entre os anos de 1946 e de 1964) beneficiou de empregos mais estáveis no decorrer da sua vida ativa e de sistemas de pensões bem desenvolvidos. O relatório defende que as novas gerações têm mais dificuldades para se integrarem na classe média. Chega inclusivamente a dizer que “cada nova geração viu diminuir as suas oportunidades de fazer parte da classe média”.

Mas deve-se precisar que as jovens gerações tiveram acesso desde precoce idade a um conjunto de bens e serviços que os seus pais não desfrutaram no seu tempo.

Que recomenda a OCDE para sustentar a classe média?

A fim de favorecer a equidade, recomenda transferir mais a carga fiscal dos rendimentos do trabalho para os rendimentos do capital e das mais-valias, para o património imobiliário e as sucessões. “Em numerosos países, o imposto sobre o rendimento poderia tornar-se mais progressivo, sobretudo em relação às pessoas de rendimentos elevados, e mais equitativo para a classe média”.

Para facilitar o acesso à habitação, trata-se, pelo lado da oferta, de promover a construção privada e também a habitação social pública destinada a lares não apenas de baixos rendimentos. Isto seria acompanhado de medidas de ação sobre a procura através de ajuda financeira ao crédito ou de benefícios fiscais na compra da habitação principal.

Nas ajudas para os gastos de educação, o relatório menciona desde os serviços de creche subsidiados aos empréstimos e bolsas para os estudantes do ensino superior. Não são medidas muito inovadoras. E resta sempre a dúvida de se haverá

suficientes ricos para cobrir estes gastos sem aumentar os impostos sobre a classe média.

Mas se se trata de atacar na sua raiz a vulnerabilidade laboral da classe média, o relatório recomenda favorecer os sistemas de formação contínua ao longo da vida profissional. Programas de formação de adultos mais numerosos e inovadores deveriam centrar-se nos trabalhadores de empregos medianamente qualificados, e nos setores mais expostos às mutações do mercado de trabalho.

I. A.

Para onde foram os empregos da classe média

A relação entre o emprego e o nível de rendimento mudou consideravelmente nas três últimas décadas. Certo tipo de empregos que antes davam acesso à classe média já não asseguram esse estatuto.

Hoje exige-se um nível de competência profissional mais elevado para fazer parte da categoria de rendimentos intermédios. Atualmente, mais de metade dos trabalhadores de rendimento intermédio ocupam empregos de alta qualificação (de título universitário), percentagem que há duas décadas era apenas um terço.

Ao mesmo tempo, a parte dos trabalhadores de rendimentos médios que ocupam empregos medianamente qualificados diminuiu em todos os países, com exceção do México e da Eslováquia. Consequentemente, é cada vez menos possível obter o mesmo nível de rendimento do que antes para certos empregos. Isto pode explicar a frustração social que está no centro do debate político nalguns países.

Em média, entre 21 países da OCDE para os quais se dispõe de dados, os empregos de qualificação média perderam 8 pontos na distribuição do emprego, enquanto que os de baixa qualificação perderam 2 pontos e os de elevada ganharam 10 pontos.

Muito menos existe um tipo de emprego típico da classe média, sendo que os trabalhadores que fazem parte desta categoria de rendimentos intermédios trabalham num amplo espectro de profissões. Ao longo das duas últimas décadas, os profissionais vieram a converter-se no principal grupo de rendimentos de classe média, acima daqueles que exercem um ofício.

Hoje, um lar normal necessita, em geral, de dois salários para fazer parte da classe média (como já se referiu no artigo anterior), enquanto no passado bastava um só correspondente a um emprego de elevada qualificação. Mesmo com dois salários é difícil alcançar hoje o nível de rendimento intermédio se pelo menos um deles não for de alta qualificação.

Os salários mais altos cresceram mais depressa do que os médios e os baixos, acentuando assim a desigualdade.

A rápida automatização e digitalização de tarefas está a criar ansiedade relativamente ao que será o futuro dos empregos de trabalhadores de classe média. Segundo a OCDE, um em cada seis trabalhadores de rendimentos intermédios tem um emprego com alto risco de vir a ser automatizado. Este risco é maior para os trabalhadores de classe baixa (um em cada cinco empregos) e menor nos de classe alta (um em cada nove).

O alargamento de modalidades laborais como o trabalho a tempo parcial, o temporário e autónomo, pode acentuar o sentido de insegurança. Dos países da OCDE para os quais existem dados, somente 8 % dos lares de rendimentos médios estão a cargo de trabalhadores a tempo parcial, enquanto que 9 % correspondem a trabalhadores autónomos. A percentagem de autónomos é mais alta nos lares de rendimento baixo (12 %) e nos de rendimento alto (21 %).

I. A.